

“O DOCE AMARGO SABOR DO ENVELHECIMENTO”: DISCURSOS, PRÁTICAS CORPORAIS E EXPERIÊNCIAS GERACIONAIS

“THE SOUR-SWEET TASTE OF AGING”: SPEECHES, BODY PRACTICES AND GENERATIONAL EXPERIENCES

“EL DULCE /AMARGO SABOR DEL ENVEJECIMIENTO”: DISCURSOS, PRÁCTICAS CORPORALES Y EXPERIENCIAS GENERACIONALES

João Paulo Fernandes Soares *, **Ludmila Mourão ***,
Edmundo de Drummond Alves Júnior **

Palavras-chave:
Envelhecimento.
Mulheres.
Atividade Física.
Relação entre gerações.

Resumo: Este estudo tem como objetivo compreender as experiências geracionais e os modos de subjetivação de um grupo de mulheres idosas que vivenciam práticas corporais em um projeto social de lazer em Ubá, interior de Minas Gerais. Foi realizada uma pesquisa antropológica com observação no campo e entrevistas em profundidade com sete mulheres. As narrativas evidenciam a complexidade simbólica das relações geracionais estabelecidas nesse contexto, no qual partilhas e conflitos são marcantes. Tais experiências expõem a polissemia dos modos de envelhecer na contemporaneidade e a necessidade de reflexões sobre as limitações das ações pedagógicas desenvolvidas nesses contextos educacionais.

Keywords:
Aging.
Women.
Physical Activity.
Cross-generation relations.

Abstract: This study aims to understand generational experiences and modes of subjectivity of a group of elderly women who experience corporal practices in a recreational social project in Ubá, Minas Gerais. It is an anthropological study with field observation and interviews with seven women. Narratives show the symbolic complexity of generational relations established in this context, in which sharing and conflicts are striking. Such experiences expose the multiple meanings of the ways of aging in contemporary society and the need to reflect on the limitations of educational activities developed in those educational contexts.

Palabras clave:
Envejecimiento.
Mujeres.
Actividad Física.
Relaciones.

Resumen: Este estudio tiene como objetivo comprender las experiencias generacionales y los modos de subjetivación de un grupo de mujeres de edad avanzada, que experimentan prácticas corporales en un proyecto social de recreación en Ubá, Minas Gerais. Se llevó a cabo una investigación antropológica, con observación de campo y entrevistas con siete mujeres. Los relatos muestran la complejidad simbólica de las relaciones generacionales establecidas en este contexto, donde el compartir y los conflictos son intensos. Tales experiencias exponen la polissemia de los modos de envejecer en la contemporaneidad y la necesidad de reflexionar sobre las limitaciones de las acciones pedagógicas desarrolladas en estos contextos educativos.

*Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, MG, Brasil.
E-mail: joaopaulosoaresuff@gmail.com; mouraoln@gmail.com.

**Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
E-mail: edmundodrummond@uol.com.br

Recebido em: 26-02-2015

Aprovado em: 07-06-2015



1 INTRODUÇÃO¹

Os corpos são construídos culturalmente a partir da interseção de inúmeros discursos, que os materializam e os tornam inteligíveis socialmente. Podemos dizer que “os discursos habitam corpos. Eles se acomodam em corpos; os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue” (BUTLER, 2002, p. 163).

Assim, compreendemos os discursos como sistemas e códigos de significação que constituem o conjunto de enunciados de determinados campos de saber, construídos historicamente a partir das relações de poder² (FOUCAULT, 2011b).

Nesse sentido, percebe-se, na contemporaneidade, a ocorrência de um intenso processo de cronologização da vida dos sujeitos, em que as referências etárias determinam direitos, deveres, possibilidades e interdições nas experiências sociais dos sujeitos (BOURDIEU, 1983). Esse processo convive paralelamente com seu inverso, em que as faixas de idade são alargadas, flexibilizadas e até mesmo “apagadas”. Essa redefinição do curso da vida traz a promessa de prolongamento da juventude, vinculada a valores e bens culturais que podem ser adquiridos, mantidos e ampliados com base na qualidade das experiências dos sujeitos em seu processo de envelhecimento (BARROS, 2011).

As formas de representar o processo de envelhecimento são construídas por uma multiplicidade de instituições e campos acadêmicos encarregados pela difusão de inúmeros discursos, em que ficam evidenciados modelos idealizados sobre os modos de envelhecer. Dentre estes, podemos citar os campos da Medicina Geriátrica e da Gerontologia como protagonistas na elaboração de postulados, hábitos, valores e significados sobre o envelhecimento dos sujeitos (DEBERT, 2012; 1997).

Na atualidade, os entendimentos e representações construídos sobre o curso da vida dos sujeitos pelo campo acadêmico da Gerontologia buscam ressaltar aspectos “positivos” da velhice, considerando esse momento da vida como propício para a ampliação dos tempos de lazer e, conseqüentemente, das experiências de sociabilidade em grupo.

Entretanto, reflexões sobre o lazer na velhice fazem emergir a heterogeneidade desses grupos sociais, em que uma minoria consegue desfrutar, a partir da aposentadoria, a ampliação do tempo de lazer. Paralelamente, uma parcela significativa de idosos, por diferentes razões, não se desvincula do mundo do trabalho.

Concomitantemente, tal vertente discursiva busca quebrar “silenciamentos” históricos impostos ao tema da velhice, apontando os estereótipos e estigmas sociais vivenciados nas relações sociais a partir de representações depreciativas difusas na sociedade sobre o processo de envelhecimento.

Assim, as experiências³ do envelhecimento nas sociedades contemporâneas apresentam-se como processos culturais multifacetados, plurais, e também como instigante objeto de estudo, ao oferecerem meios de compreensão dos modos de organização social, hierarquizações, estereótipos e estigmas sociais difundidos com referência às categorias de idade.

1 Este artigo faz parte da dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação Física, associação Universidade Federal de Viçosa / Universidade Federal de Juiz de Fora sob o mesmo título.

2 O conceito de poder utilizado neste estudo tem como referência Michel Foucault (1992), que concebe o poder como inerente às relações sociais dos sujeitos. São micropoderes difusos, constantemente subvertidos e alternados. Dessa forma, nenhum poder exerce tão alto grau de coerção que não abra espaço para subversões cotidianas e alternâncias desse mesmo poder.

3 O conceito de experiência utilizado neste estudo diz respeito às formas como os sujeitos se constituem, são subjetivados e dessubjetivados em uma determinada cultura e tempo histórico (DELEUZE, 2005, FERRARI, 2012).

A partir desse contexto, este artigo tem como objetivo refletir sobre os modos de subjetivação⁴ construídos por mulheres idosas em um projeto social de lazer – o Projeto Vida Ativa (PVA), na cidade de Ubá, Minas Gerais –, motivado por alguns questionamentos: de que forma(s) essas mulheres se constituem como sujeitos em suas experiências corporais em grupo? De que maneira(s) ocorrem as relações e interseções geracionais nesse espaço de sociabilidade? De que formas essas mulheres se apropriam, ressignificam e constroem discursos sobre a velhice e suas experiências geracionais?

2 CAMINHOS INVESTIGATIVOS

O ato de rememorar não se restringe a lembranças individuais, mas sociais. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas “refazer, reconstruir, repensar, com imagem e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 55).

A partir dessa premissa, esta pesquisa se caracteriza como um estudo antropológico de cunho etnográfico, que tem como marco teórico e metodológico estudos em antropologia social e urbana (GEERTZ, 1997, 1989, MAGNANI, 2009, 1997, VELHO, 2013, 2004), que busca, através da observação participante, aproximações e compreensões das visões de mundo⁵ das participantes deste estudo.

A pesquisa de campo foi desenvolvida no município de Ubá⁶, Minas Gerais, durante nove meses, no período de março a novembro de 2013. Foram observadas as ações pedagógicas realizadas no Projeto Vida Ativa (PVA), vinculado à Prefeitura Municipal, que compreendem aulas de ginástica, dança e sessões de exercícios de alongamento, com foco em grupos de idosos.

As intervenções, ministradas por uma professora e uma estagiária de Educação Física, ocorriam três vezes por semana, no período da manhã, no interior de um clube de futebol amador da cidade.

Foram realizadas entrevistas em profundidade com um grupo de sete mulheres – cinco participantes do PVA, a professora e a estagiária. A escolha das participantes do estudo se deu de forma intencional, por serem estas mulheres as pioneiras do PVA, o que as tornou informantes especiais para a consecução dos objetivos do estudo; as participantes do estudo estão inseridas nesse projeto há aproximadamente cinco anos e residem no bairro onde ocorreu a pesquisa de campo. As idades variam de 20 a 76 anos. Entre as alunas do PVA participantes do estudo, temos quatro mulheres que são donas de casa e uma professora aposentada.

As entrevistas, que ocorreram no local onde eram realizadas as intervenções, em sala reservada e após o momento das aulas, foram registradas em gravador digital⁷ e transcritas na íntegra.

4 Os modos de subjetivação são mecanismos pelos quais, através da incorporação das relações de poder, os seres humanos se tomam sujeitos. (FOUCAULT, 1992; FERRARI, 2012).

5 O conceito de visão de mundo relaciona-se ao quadro simbólico que os sujeitos de uma determinada cultura elaboram das coisas como elas são na realidade, seus conceitos de si mesmos, a partir de marcadores identitários de gênero, geracionais, étnicos, dentre outros, dos valores, hábitos e costumes da sociedade em que vivem. (GEERTZ, 1989).

6 O município de Ubá está localizado a 297 km da capital Belo Horizonte. Possui uma população de 101.519 habitantes. A população com idade igual ou superior a 60 anos é de 11.063 pessoas, sendo 4.953 homens e 6.110 mulheres (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010).

7 As entrevistas foram registradas em gravador digital Sony ICD-PX 240, com prévio consentimento das participantes do estudo.

Todas as participantes do estudo assinaram os termos de consentimento livre e esclarecido (TCLEs) e os nomes que as identificam neste artigo são fictícios, a fim de preservar seu anonimato.

As entrevistas foram categorizadas utilizando-se a técnica de identificação das categorias nativas (MAGNANI, 2009), relevantes na captação dos significados atribuídos espontaneamente pelo grupo às suas experiências geracionais e aos seus modos de subjetivação construídos nesse contexto cultural específico. Os discursos oriundos das entrevistas foram triangulados com os registros de campo e o referencial teórico.

Por uma opção teórica e metodológica, o processo analítico ateu-se ao marcador identitário “geração”, mesmo observando a relevância e interseção de outros aspectos identitários das participantes deste estudo, como gênero, classe social e etnia.

3 SABERES E SABORES DO ENVELHECIMENTO: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO CONCEITO DE TERCEIRA IDADE

O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas e dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT 2011b, p. 10).

Conforme afirma Michel Foucault (2011b), existe um cenário de disputas e correlações de poder presentes nas instituições de saber-poder na contemporaneidade.

Assumir uma posição de vanguarda e acumular “autonomia” no processo de pronúncia discursiva coloca um campo simbólico em vantagem com relação aos demais. Ao se apoderar e acumular poder, os sujeitos de um campo institucional específico adquirem a possibilidade de impulsionar demandas sociais, direcionar e ressignificar modos de subjetivação e inaugurar representações sobre grupos e processos sociais diversos.

Ao refletir sobre as instituições e as práticas discursivas construídas sobre o processo de envelhecimento dos sujeitos, podemos identificar como lócus privilegiado os discursos da Medicina e da Gerontologia, os quais, na medida em que se articulam constantemente com o discurso midiático e o senso comum, impulsionam demandas políticas dos sujeitos (DEBERT, 1997).

Esse processo de incorporação do discurso gerontológico se evidencia na narrativa da professora Ana Paula ao rememorar o percurso histórico do PVA e suas ações pedagógicas:

Quando o PVA iniciou, já tinha dentro do cronograma dele as atividades para a melhor idade. Desde que eu comecei a faculdade, para mim, a melhor idade sempre foi a menina dos meus olhos. Já entrei com aquela vontade imensa de desenvolver este trabalho com elas e encontrei o Renato, que dava aulas de dança para melhor idade. Então, essa parceria deu certo. Eu, com o alongamento e a ginástica e ele, com a dança. (Ana Paula, professora PVA, 42 anos)

A categoria “melhor idade” emerge e expõe uma visão de mundo que exalta a velhice como uma fase da vida privilegiada para as experiências corporais prazerosas. A professora aponta abaixo suas motivações para a continuidade das experiências com o grupo.

É como eu te falei, a menina dos meus olhos é a melhor idade e, porque eu sempre percebi que, como minha avó, as pessoas mais velhas chegavam numa certa idade, se aposentavam e ficavam sós dentro de casa vendo televisão ou naquela

expectativa do filho ou um parente buscar para dar uma voltinha. Eu sempre achei isso triste, porque a pessoa vai ficando mais velha, não quer dizer que ela não tenha condições de ir e vir, e uma aula dessas estimula não só aquele momento, mas outros, porque elas começam também a ter grupos, combinam entre elas, mesmo para ir a uma missa. (Ana Paula, professora PVA, 42 anos).

O discurso da professora evoca suas experiências geracionais familiares e, de forma homogeneizante, idealiza os sujeitos idosos como privados das relações sociais na velhice. Contudo, a partir das experiências de um “estilo de vida ativo”, no PVA, a professora acredita que tais redes de sociabilidade podem ser novamente estabelecidas.

Assim, conceitos como velhice, envelhecimento, idoso, velho, terceira idade, ou mesmo “melhor idade”, vêm à tona e são tratados como sinônimos – alguns identificam processos; outros, sujeitos e grupos – sem, no entanto, apresentar uma discussão teórica aprofundada sobre eles (CAMARANO, 2004). Cabe pontuar que conceitos como “juventude”, “infância”, “velhice”, dentre outros, são arbitrariamente construídos a partir da associação dos sujeitos a uma idade cronológica, em um processo de cronologização da vida social (BOURDIEU, 1983).

No contexto do PVA, as categorias acionadas no tratamento e nas relações entre as participantes desta pesquisa são: “idosa”, na determinação da condição social dos sujeitos, e “terceira idade”, para identificar a fase de suas vidas. Existe, pois, a negativa na utilização dos termos “velha” e “velhice”, uma vez que eles carregam representações negativas ligadas a aspectos como degenerescência, debilitação e inatividade dos corpos que envelhecem.

Sobre o processo histórico de ressignificação desses termos, observamos que, no Brasil, até o fim da década de 1960, o termo “velho” assumia conotação negativa ou depreciativa na denominação dos sujeitos. Tal denominação é substituída pelo termo “idoso”, a partir da década seguinte, nos documentos institucionais, demarcando um contexto histórico de mobilização social pela busca de direitos relacionados à velhice no país. (PEIXOTO, 2006).

Os termos “velhice” e “velho” são, concomitante e gradativamente, associados à decrepitude e à senescência, em referência, principalmente, aos sujeitos de classes populares que não têm recursos para buscar opções em seu processo de envelhecimento. A associação entre velhice e decadência atinge, então, todos os domínios da sociedade brasileira.

Em contraposição, o termo “idoso” demarca um tratamento mais “respeitoso” no trato com os sujeitos velhos: “Idoso simboliza, sobretudo, as pessoas mais velhas, os ‘velhos respeitados’, enquanto terceira idade designa principalmente os ‘jovens velhos’, os aposentados dinâmicos” (PEIXOTO, 2006, p. 81).

Nesse contexto, a Gerontologia assume protagonismo no processo de problematização da categoria idoso e na concretização do conceito de terceira idade, construído pelo entrecruzamento de postulados de diversos sistemas peritos (GIDDENS, 1991), embasados no paradigma do “envelhecimento ativo” (ALVES JÚNIOR, 2011).

E não por acaso surge um novo mercado para a terceira idade: turismo, produtos de beleza e alimentares, bem como novas especialidades profissionais, gerontólogos, geriatras, etc. A terceira idade passa assim a ser a expressão classificatória de uma categoria social bastante heterogênea. (PEIXOTO, 2006, p. 81).

Assim, os discursos produzidos expõem as experiências do envelhecimento como processo universal, homogêneo e homogeneizante, em que as diferenças identitárias de classe

social, etnia, geração e gênero são minimizadas à medida que aspectos universais biológicos, psicológicos e sociais do envelhecimento assumem centralidade (DEBERT, 1994, PEIXOTO, 2006).

Como desdobramento central, ocorre um processo de reprivatização da velhice, que considera a “boa gestão” desse momento da vida dos sujeitos como uma responsabilidade individual, o que gera, em última instância, um processo de culpabilização dos sujeitos pelos desvios realizados do padrão proposto (DEBERT, 2012, 1997).

Esse amplo processo histórico tem relevantes influências nas experiências dos sujeitos, sejam eles profissionais do campo da Educação Física ou participantes das inúmeras ações pedagógicas no campo das práticas corporais (FREITAS *et al.*, 2014, SILVA; LÜDORF, 2012).

Dessa forma, compreendemos o Projeto Vida Ativa (PVA) como componente desse amplo processo de gestão da velhice, em que discursos são produzidos e difundidos entre os sujeitos envolvidos nesse contexto, ressignificando seus modos de subjetivação e suas experiências geracionais nesse espaço de sociabilidade.

4 PROJETOS QUE SE CRUZAM: “VIDA ATIVA” E MODOS DE GESTÃO DO ENVELHECIMENTO

A partir dos discursos das participantes do estudo, o início das experiências nas práticas corporais no PVA se deu por orientação médica. É possível observar que inúmeros conhecimentos sobre o processo saúde e doença e os benefícios do exercício físico nesse processo foram apropriados ao longo de suas trajetórias de vida, o que fica evidenciado nas narrativas a seguir:

O que me motivou foi que, às vezes, ficava desanimada em casa. Eu fiquei uns tempos deprimida. Então, os médicos me orientaram a fazer o alongamento, que melhora a mente da gente. E realmente foi bom mesmo. (Renata, aluna PVA, 56 anos).

É que eu estava sentindo muita dor. Daí eu passei no médico e ele falou para eu fazer hidroginástica. Aí, eu comecei a vir (no PVA). Melhorou meu modo de conviver com as pessoas. A gente fica mais popular. (Adriana, aluna PVA, 67 anos).

Os relatos aproximam-se da representação da saúde se opondo à doença, que representa ameaça constante na velhice e deve ser evitada ou atenuada nos projetos de vida dos sujeitos.

Moulin (2008, p. 15) destaca o processo de medicalização dos corpos e descreve como o discurso médico se torna central na ingerência da vida social dos sujeitos na contemporaneidade:

A medicina promulga regras de comportamento, censura os prazeres, aprisiona os cotidianos em uma rede de recomendações, tendo como justificativa o progresso de seus conhecimentos sobre o funcionamento do organismo e a vitória sem precedentes que reivindica sobre as enfermidades, atestada pelo aumento regular na longevidade.

Neste sentido, a saúde e a doença começam a ser vistas como lados de uma mesma moeda. “Se a palavra-chave do século XVIII era a felicidade e a do século XIX, a liberdade, a do século XX é a saúde.” (VIGARELO, 2008, p. 18).

Essas alterações históricas são percebidas no aumento da utilização de medicamentos controlados, das alterações nas dietas, da realização de exercícios físicos e das estratégias para evitar as doenças e atenuar as marcas corporais do envelhecimento.

Paralelamente, as narrativas trazem outros aspectos que compõem a categoria saúde, que são as experiências prazerosas em grupo e a ampliação das redes de sociabilidade. Assim, a busca pela saúde na velhice se constitui, para essas mulheres, em práticas corporais em grupo; estas se apresentam como lócus para a promoção das relações e fortalecimento de laços de reciprocidade.

Neste sentido, as visões de mundo das participantes deste estudo trazem sentidos e significados sobre o processo de envelhecimento, que é atravessado por anseios e preocupações.

Envelhecimento, eu acho que a gente não pode se entregar. Tem que estar sempre procurando alguma coisa pra fazer, porque se a gente se entregar e ficar quietinha dentro de casa, quem vai ficar na solidão é a gente. E eu já me sinto assim, mais solitária. A gente vai envelhecendo e vai sentindo que vai ficando mais sozinha. (Bruna, aluna PVA, 70 anos).

Eu acho que a gente vai ficando mais velho, não tem mais animação de fazer as coisas, por exemplo, a ginástica. Tem dia que a gente sente dificuldade para poder vir, e eu acho que as pessoas mais novas têm mais força; a gente, velho, está sem força. Teve dia que eu fazia a ginástica e, quando ia fazer os trabalhos da casa, eu estava toda doendo. Eu acho que, quando a gente vai ficando velho, muda tudo. A gente na velhice sente geralmente muita cansaça. (Adriana, aluna PVA, 67 anos).

Os relatos apontam para a polissemia dos processos de subjetivação na velhice, que sinalizam para diversos modos de vivenciar o envelhecimento. Tal processo é quase sempre associado a alterações físicas de vigor corporal, evidenciadas na força e na disposição reduzidas no cotidiano e nas práticas corporais, sofridas por seus corpos na velhice.

Esses olhares retrospectivos presentes em seus discursos relembram momentos da juventude em que o vigor físico e a disposição para o trabalho, geralmente doméstico, eram satisfatórios se comparados com a velhice. Esses processos de “perdas” trazem um comportamento mais recluso e solitário.

Mas não só as perdas e alterações corporais colaboram com o sentimento de solidão, as participantes deste estudo têm uma estrutura familiar semelhante, em que os filhos não residem mais em suas casas, mantendo uma “intimidade à distância” (DEBERT, 2012). Os parceiros, mesmo aposentados, permanecem vinculados ao universo do trabalho, e é nesta configuração que a solidão é subjetivada no cotidiano dessas mulheres.

A preocupação com a solidão e os males advindos dessa condição são constantemente monitorados. Apenas o ser humano, entre os seres vivos, sabe que vai morrer, e essa perspectiva de finitude traz a experiência da solidão social aos sujeitos que estão mais próximos desse processo. Assim, a proteção contra essa finitude é alvo de investimento de inúmeras técnicas no decorrer da história (ELIAS, 2001).

Há, portanto, necessidade da adoção dos cuidados de si (FOUCAULT, 2011a), que se constituem, para esse grupo, em ações para evitar a solidão social, como a construção de novas redes de sociabilidade, atenuando as marcas e condições do envelhecimento.

Ao observarmos os investimentos nos corpos dessas mulheres, nota-se que a maioria das participantes deste estudo alterou a cor de seus cabelos através do tingimento artificial, técnica geralmente utilizada para encobrir os cabelos brancos, marca do envelhecimento que normalmente expõe a idade cronológica aproximada dos sujeitos.

As identidades virtuais e sociais reais são parte dos interesses e definições de outras pessoas em relação ao indivíduo cuja identidade está em questão. As técnicas de ocultamento de símbolos de estigma ocorrem simultaneamente a um processo relacionado: o uso de desidentificadores. “O estigma é um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo [...] e o esforço para escondê-lo, encobri-lo ou amenizá-lo fixam-se como parte da identidade dos sujeitos.” (GOFFMAN, 1988, p. 76).

Assim, as participantes deste estudo manipulam suas identidades sociais reais com a adoção de estratégias, distanciando-as da identidade virtual de velha, que se apresenta como um estigma. A adequação ou a negativa em aderir a esse processo de ocultação expõem formas diferenciadas de lidar com as marcas corporais de envelhecimento. Aceitar tais alterações e/ou buscar ocultá-las apresenta-se como dilema cotidiano dessas mulheres.

Outro ponto que demonstra a incorporação dos cuidados de si é a utilização da indumentária para as vivências das práticas corporais, como bermudas e camisas coloridas de tecidos sintéticos que delineiam seus corpos, demonstrando partilhar de aspectos simbólicos de pertencimento a uma unidade geracional que se exercita e “cuida” de seu corpo de forma permanente.

Assim, os momentos das experiências nas práticas corporais em grupo apresentam-se como oportunidade de incorporar novos significados sobre os limites de seus corpos, visitar projetos individuais e construir um projeto coletivo de envelhecimento (VELHO, 1994).

5 EXPERIÊNCIAS GERACIONAIS E MODOS DE SUBJETIVAÇÃO NA VELHICE

A categoria “geração” expõe os aspectos relacionais, dinâmicos, instáveis e contínuos das mudanças geracionais na contemporaneidade, destacando que não basta ter nascido em uma mesma época: o que expõe uma posição geracional comum é a possibilidade de vivenciar e significar de forma semelhante às experiências em um determinado tempo histórico (MANNHEIM, 1982).

A partir desse conceito, as conexões entre as gerações pressupõem um vínculo concreto entre sujeitos pertencentes a posições geracionais semelhantes ou diferentes.

Conexões geracionais se constituem através da participação dos indivíduos que pertencem à mesma posição geracional, ou de posição geracional distinta, em um destino coletivo comum assim como da partilha de conteúdos que estão relacionados de alguma forma. (MANNHEIM, 1982, p. 87).

As experiências associativas das participantes deste estudo no PVA evidenciam conflitos e partilhas geracionais. Nota-se que tais experiências dizem respeito aos modos como cada mulher, a partir de suas posições geracionais e das relações construídas, partilha, converge, conflita e é subjetivada nessas experiências.

O material etnográfico deixa evidente que os gostos e disputas por ritmos e músicas no decorrer das aulas se apresentaram como marcantes na pesquisa de campo, apontadas nas narrativas de uma das participantes do PVA e a estagiária:

Essa estagiária lá é que dá aula de dança também. A dança dela não serve pra nós não. Ela é muito jovem, nós somos muito idosas. Então nós não temos o pique que ela tem... Aí fica difícil. A aula, pra acompanhar ela na aula de dança, não dá. (Leandra, aluna PVA, 71 anos).

Camila, a estagiária do PVA, também encontrou dificuldades nas aulas:

No início foi bem difícil, porque todo mundo estranha uma professora novinha. Ai elas diziam: é muito novinha, não vai dar certo, aí o tempo foi passando e eu fui buscando novos estilos de música para dar aula de dança. (Camila, estagiária PVA, 20 anos)

A idade cronológica parece ter relevante efeito simbólico nas relações estabelecidas entre as idosas e a estagiária, fazendo emergir inúmeros conflitos geracionais.

Deu uma briga danada, porque eu queria mostrar outros tipos de dança que não fosse só o forró, e elas brigaram comigo, falaram que não era para mudar porque elas estavam acostumadas com outro professor que só trabalhava o forró. Ele focava mais no forró. Eu não, eu estou buscando outros estilos de música, não só forró, porque forró elas já sabem, outros estilos de músicas que elas não sabem, mas também não tirando o forró. Eu não tiro. Aqui eu sempre dou as aulas com as mesmas músicas para poder sempre trabalhar a mesma coordenação motora até eu ver que melhorou; aí eu mudo as músicas e vou colocar outros estilos para trabalhar com outros estilos, sempre monto dessa forma. (Camila, estagiária PVA, 20 anos).

Leandra rememora outro momento histórico do PVA, em que um professor trabalhava “as nossas músicas”, ou “as músicas do nosso tempo”, que seriam os forrós e o sertanejo de raiz. Percebe-se que essa narrativa saudosista, marcante na visão de mundo dessa participante, diverge de outras integrantes do grupo que, embora vivenciem as aulas de dança que têm os ritmos chamados “modernos” e de “gente nova”, defendem o forró como ritmo predileto do grupo.

Se tem dança, eu fico sim... Sem dança, eu acho difícil ficar até o final. Eu gosto muito da dança. Eu falo assim: “Vamos pôr um forró para estas mulheres animarem mais, porque vai gente embora, porque ficam só aquelas músicas novas...” Assim, eu falo com ela (estagiária): “Vamos botar uns forrós, eu vou trazer um CD de forró para o pessoal animar mais, para elas ficarem”. Fica pouca gente na aula de dança, porque não tem forró. São as músicas de forró que nós, mais idosas – somos mais idosas porque passou de cinquenta (anos) – já não gostamos desse negócio de músicas novas que tocam em festas. (Renata, aluna PVA, 56 anos).

Como prática corporal significativa para o grupo, a dança apresenta-se como elemento constitutivo de suas posições geracionais, e os aspectos simbólicos de identificação relacionados a ela são partilhados (MORAES, 2011, ALVES, 2004).

No entanto, notam-se posturas diferenciadas das participantes deste estudo no que se refere à incorporação dos ritmos chamados “modernos”. Apesar de suas preferências pelas “músicas antigas”, Renata participa e partilha a vivência dos ritmos “novos” ou de “jovem” com a estagiária e com aquelas alunas que permanecem na aula.

A recusa em participar da aula por uma parte das alunas é expressão das divergências em compartilhar aspectos simbólicos de sujeitos de outra posição geracional. Sobre esses conflitos, a estagiária expõe uma estratégia utilizada em outro núcleo do PVA, em comparação ao núcleo Industrial, foco desta pesquisa de campo.

As músicas sou eu mesmo quem escolho. Lá no CRAS eu tenho um tipo de plano de aula e aqui eu tenho outro tipo de plano de aula. Lá tem tanto terceira idade como meia idade. Aí eu diferencio: primeira turma é a terceira idade e a segunda turma é a meia idade. Aí o que acontece é: a terceira idade eu foco muito no forró porque sempre pedem o forró, e a meia idade ela faz ginástica aeróbica, é um axé. É sempre assim, uma aula mais movimentada. Porque elas falam que gostam de suar. Aqui é mais movimentos repetidos. Lá eu posso variar os movimentos, que elas gostam de movimento. Aqui não, é mais repetição de movimentos. (Camila, estagiária PVA, 20 anos).

Essa estratégia expõe e diferencia as metodologias de trabalho com os grupos a partir de uma classificação prévia com base na idade cronológica, em que os sujeitos são agrupados nas categorias “meia idade” e “terceira idade”, e as intervenções diferenciadas a partir de supostas “potencialidades” e “limitações” físicas dos sujeitos dos grupos. Essa divergência com relação à ação pedagógica é apontada pela professora Ana Paula como um problema no PVA.

Em alguns bairros, os estagiários chegaram e começaram a dar uma aula de alongamento e ginástica muito forçada, meio pesada para a turma. Eles têm que atender a todos. Então, você não pode passar, mesmo que tenha uma aluna lá que tem uma condição melhor, você tem que manter a aula para o foco da melhor idade. Então eu tive que passar para eles alguns exercícios e pedir para tirar outros, para respeitar, mesmo, a individualidade deles, só que focando mais na melhor idade. (Ana Paula, professora PVA, 42 anos).

Nota-se que o grupo de estagiários e a professora, pertencentes a unidades geracionais diferenciadas das alunas do PVA, organizam o trabalho pedagógico a partir de suas referências culturais. O distanciamento cultural das visões de mundo e dos gostos expõem a centralidade e as limitações das relações geracionais no PVA.

Esse espaço social de experiências geracionais conjuntivas (MANNHEIM, 1984) apresenta-se como local onde se relacionam quatro unidades geracionais distintas, que partilham, negam, ressignificam e se apropriam do universo simbólico construído a partir dessas conexões geracionais.

As narrativas revelam limitações no planejamento e na atuação pedagógica com grupos geracionais diferenciados, na medida em que os aspectos simbólicos dessas gerações são relegados como secundários e a classificação dos sujeitos com base em suas idades cronológicas orienta as ações nesses espaços.

Neste sentido, o processo de descentrar o olhar (MAGNANI, 2009), na busca da compreensão das aspirações dos sujeitos, em um exercício contínuo de alteridade, faz-se necessário no processo de formação de professores de Educação Física para a atuação com os grupos de idosos. Essa aproximação das experiências geracionais pode ser utilizada como locus de partilha e trocas simbólicas entre os sujeitos de unidades geracionais diferenciadas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilitou reflexões, realizadas em conjunto com as participantes, sobre suas experiências corporais, geracionais e modos de subjetivação construídos na velhice.

Concluímos que o contexto do projeto social de lazer Vida Ativa apresenta-se como espaço privilegiado de experiências geracionais vivenciadas por sujeitos de diferentes unidades geracionais.

Foram observados, nas relações construídas entre as participantes e as professoras, laços de sociabilidade e reciprocidade marcantes, mediados pelas experiências corporais vivenciadas pelos sujeitos. Tais experiências foram também reveladoras de conflitos, partilhas e apropriações simbólicas mútuas pelas diferentes unidades geracionais.

O processo de vivências de práticas corporais, como a dança, a ginástica e o alongamento, contribuíram para a reconstrução dos projetos individuais e para a construção de um projeto coletivo de envelhecimento, mediado pela alteridade característica do grupo.

Sobre as construções discursivas, verificou-se que as categorias “terceira idade” e “melhor idade”, presentes no discurso institucional através das narrativas das professoras, fundamentam-se em uma concepção gerontológica do envelhecimento ativo, que embasa as ações pedagógicas no contexto do PVA.

Nesse sentido, cabe refletirmos sobre aspectos da formação docente para atuar com grupos de unidades geracionais diferenciadas, como no caso das participantes de nosso estudo. Um dos desafios nesse processo está em propiciar formação ampla e interdisciplinar que vise aprofundar e sensibilizar tais sujeitos para o agir pedagógico, com base nos aspectos socioantropológicos do envelhecimento, em que o conceito de alteridade é central na busca constante pela apropriação das visões de mundo dos outros, seus gostos, desejos, anseios, medos e expectativas na velhice.

Tais desdobramentos se apresentaram de forma limitada no PVA, o que fica expresso na visão reducionista sobre o envelhecimento que permeia as ações pedagógicas nesse contexto, propulsor de conflitos geracionais de descontentamentos recíprocos.

Em relação ao cuidado de si, observou-se um compromisso e o investimento nas práticas corporais, com a promessa de manutenção e ampliação da saúde, vigor corporal e certo interesse em atenuar algumas marcas corporais do envelhecimento; entretanto, apesar da força simbólica dessa construção discursiva, as participantes deste estudo demonstraram resignificar tais conceitos e vivenciar de forma própria e coletiva as expectativas, os prazeres, os medos (dentre eles a solidão) de suas velhices.

Enfim, os arranjos simbólicos presentes nas lembranças e trajetórias de vida dessas mulheres nos permitiram compartilhar de seus sentimentos e de suas representações desse tempo da velhice, bem como da diversidade e polissemia dos modos de envelhecer na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Andréa Moraes. Diferenças geracionais, gênero e sexualidade. In: STREY, Marlene Neves *et al.* (orgs.) **Gênero e ciclos vitais: desafios, problematizações e perspectivas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2012. p. 267-285.

ALVES, Andréa Moraes. **A dama e o cavalheiro**: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALVES JÚNIOR, Edmundo de Drummond. **A pastoral do envelhecimento ativo**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira. *In*. GOLDENBERG, Mirian. (Org.) **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 45-64.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. *In*: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.

BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria. Entrevista a Baukje Prins e Irene Costera Meijer. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 155-167, jan. 2002.

CAMARANO, Ana Amélia. **Os novos idosos brasileiros**: muito além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

DEBERT, Guita Grin. Gênero e terceira idade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 2, n. 3, p. 33-51, 1994.

DEBERT, Guita Grin. A invenção da terceira idade e a articulação de formas de consumo e demandas políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 12, n. 34, p. 52-74, 1997. Disponível em: <<http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes>>. Acesso em: 15 maio 2014.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FERRARI, Anderson. (Org.). **A potencialidade do conceito de experiência para a educação**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3**: o cuidado de si. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2011a.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2011b.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

FREITAS, Diego Costa *et al.* O envelhecer na visão do profissional de educação física atuante em academia de ginástica: corpo e profissão. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 4, p. 1523-1541, out./dez. 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEERTZ, Clifford. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010.**

Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidades>>. Acesso em: 15 out. 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, 2009.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O (velho e bom) caderno de campo. **Revista Sexta Feira**, São Paulo, n. 1, p. 1-6, maio 1997.

MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. *In*: FORACHI, Marialice M. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1982. p. 67-95.

MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. *In*: CORBIN, Alain *et al.* **História do corpo: as mutações do olhar. O século XX**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 15-82.

MORAES, Andrea. O corpo no tempo: velhos e envelhecimento. *In*: PRIORE, Mary Del; AMANTINO, Marcia. **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 427-452.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília: Organização Pan Americana de Saúde, 2005.

PEIXOTO, Clarice. Entre estigmas e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. *In*: BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 69-84.

SILVA, Alan Camargo; LÜDORF, Sílvia Maria Agartti. Possíveis relações entre corpo, saúde e envelhecimento do professor de educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 187-204, abr./jun. 2012.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

VIGARELO, Georges. Treinar. *In*: CORBIN, Alain. *et al.* **História do corpo: as mutações do olhar. O século XX**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 197-254.

Observação: Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UFJF, número: 10497413.7.0000.5147.